

## Efeitos de animacidade do antecedente na interpretação de pronomes sujeito

Sendo uma língua de sujeito nulo, o Português Europeu (PE) pode retomar entidades anteriormente mencionadas no discurso quer usando uma forma plena, quer uma forma nula. Contudo, vários trabalhos têm mostrado que estas duas formas não alternam livremente, tendendo a ter uma distribuição complementar. De acordo com uma das propostas mais conhecidas, a Hipótese da Posição do Antecedente (Carminati, 2002), o pronome nulo retoma um antecedente em Spec de IP, ao passo que o pronome pleno retoma um antecedente que esteja noutra posição sintática. Trabalhos subsequentes mostraram que outros fatores podem enviesar esta distribuição complementar, como proposto, por exemplo, pela hipótese multifatorial de Kaiser e Trueswell (2008): não só vários fatores podem enviesar a saliência de um antecedente no discurso, como também a escolha da forma pronominal pode ser ditada por outros fatores que não a saliência. Um outro fator que pode enviesar a distribuição complementar das duas formas pronominais é a animacidade dos antecedentes. O estudo de corpora de Barbosa, Duarte e Kato (2005) constata que, em PE, antecedentes não animados são maioritariamente recuperados por um pronome nulo, no que pode ser entendido como uma restrição de animacidade do pronome pleno. Também Cardinaletti e Starke (1999) afirmam que os pronomes nulos, ao contrário dos pronomes fortes, não estão sujeitos a restrições de animacidade, podendo retomar quer entidades animadas quer não animadas. Além disso, Vogels, Maes e Krahmer (2014) verificaram experimentalmente, numa tarefa de produção em holandês, que a animacidade influencia o uso de formas reduzidas e plenas nessa língua.

Neste trabalho, pretendemos verificar, através de um estudo experimental, se a animacidade do antecedente condiciona de facto a interpretação do pronome em PE. Para tal, usámos uma tarefa de *self-paced reading*, com *moving window*, na qual participaram 26 estudantes universitários, que leram 24 frases complexas iniciadas por uma frase subordinada temporal (1) com dois antecedentes: sujeito (animado) e objeto (animado vs. não animado). Na frase principal, era usado um pronome pleno sujeito que retomava, de forma inequívoca através da marcação de género, o antecedente objeto, seguindo a preferência estabelecida pela HPA.

(1) Quando a agente alvejou o ladrão / o letreiro no assalto à farmácia, ele ficou estendido na berma da estrada.

Uma pergunta de compreensão seguia-se a cada estímulo experimental, incidindo no antecedente retomado. Foram registados tempos de reação para todas as regiões dos estímulos, assim como para a resposta à pergunta de compreensão e para o acerto da resposta. Foi observado um efeito significativo ( $\beta = 0.92$ ;  $SE = 0.37$ ;  $t = 2.46$ ;  $p = .01$ ) na retoma do antecedente não animado, e na direção esperada: tempos de leitura mais elevados com antecedentes não animados.

Concluimos que a animacidade dos antecedentes é um fator que influencia a correferência em PE, podendo sobrepor-se a restrições sintáticas que, noutros contextos, prevaleceriam. Os resultados vão ao encontro de Cardinaletti e Starke (1999) e Kaiser e Trueswell (2008), mas contrariam a HPA: as formas pronominais existentes numa dada língua são sensíveis a diferentes fatores, os quais podem alterar a distribuição complementar das formas nulas e plenas em línguas de sujeito nulo.

Na sequência dos resultados obtidos, preparámos um questionário com estímulos semelhantes aos utilizados na atual experiência, mas em que o género dos antecedentes é idêntico, sendo a interpretação do pronome sujeito potencialmente ambígua. Os estímulos incluem formas nulas e plenas, com o objetivo de verificar se existe em PE uma estratégia para evitar a retoma de um antecedente não animado por uma forma plena. A aplicação deste questionário está ainda em curso.

Cardinaletti, A., & Starke, M. (1999). The typology of structural deficiency: a case study of the three classes of pronouns. *Clitics in the languages of Europe*. Henk van Riemsdijk (ed.). Berlin/New York: Mouton de Gruyter. 145-233.

Carminati, M. N. (2002). *The processing of Italian subject pronouns*. Dissertação de Doutorado.

Kaiser, E., & Trueswell, J. (2008). Interpreting pronouns and demonstratives in Finnish: evidence for a form-specific approach to reference resolution. *Language and Cognitive Processes*, 23 (5), 709-748.

Vogels, J., Maes, A. & Krahmer, E. (2014). Choosing referring expressions in Belgian and Netherlandic Dutch: Effects of animacy. *Lingua* 145, 104-121.